

# Como tornar mágico seu diário<sup>1</sup>

Cissa Melo

## O Diário Mágico

*Acorde do sonho e a verdade será conhecida:  
acorde da vigília e a verdade será — O Desconhecido<sup>2</sup>*

– Crowley / The Book of Lies

O conceito de diário é algo muito simples de definir. Na acepção que usaremos aqui, ele pode ser entendido como “obra ou gênero literário cuja narrativa é feita através de um conjunto de registros, mais ou menos diários, geralmente de caráter íntimo”<sup>3</sup>.

Por outro lado, definir o que o torna “mágico” é um pouco mais complicado, pois há quem defenda que o Diário Mágico é assim chamado pelo simples fato de que nele são registradas as práticas mágicas, assim como o Diário de Bordo registra o que ocorre em uma embarcação e o Diário de Classe, o que acontece em sala de aula.

No entanto, o que se pretende propor aqui é que o Diário Mágico é assim chamado não só por ser um registro dos experimentos mágicos realizados por uma pessoa – o que é de extrema relevância –, mas principalmente pelo seu potencial transformador, tratando-se de uma prática mágica em si e não de um mero repositório de práticas.

Afinal, se magia é a “arte e a ciência de provocar mudanças de acordo com a Vontade”<sup>4</sup>, não é só o fato de conter os registros das práticas que torna mágico um diário, mas a capacidade de provocar mudanças em quem o escreve, a partir do encontro dessa pessoa consigo mesma.

## A Importância do Diário

*O diário é a ferramenta fundamental por meio da qual o magista pode manter um registro das percepções de si mesmo, a matéria-prima da Grande Obra.<sup>5</sup>*

– James Wasserman / Crowley e a Prática do Diário Mágico

O diário confere certa cientificidade às operações mágicas, na medida em que impõe a seu operador a disciplina de registrar o que lhe ocorre tão logo seja possível, a

1 Nota da autora: todos os textos em inglês citados aqui foram traduzidos livremente por mim e desde já peço desculpas por qualquer incorreção. Sugestões nesse sentido podem ser enviadas a [ananke.argentum@gmail.com](mailto:ananke.argentum@gmail.com).

2 Crowley, A. Liber 333 - The Book of Lies. Chapter 40. Disponível em <https://keepsilence.org/the-equinox/?filter=333>. Acessado em 30/12/2024.

3 “Diário”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/di%C3%A1rio>

4 Crowley, A. Magick: Liber ABA, Book 4. 2nd rev. ed. San Francisco: Wiser Books, 2008.

5 Wasserman, J. Aleister Crowley e a Prática do Diário Mágico. São Paulo: Madras, 2009.

fim de não se deixar trair pela memória, e com a riqueza de detalhes necessária para tornar as experiências reprodutíveis e comparáveis, permitindo que o magista possa recriar as mesmas condições repetidas vezes e avaliar seu progresso, além de evitar que fique praticando a esmo, sem método. Ou seja, o registro confere confiabilidade, reprodutibilidade e comparabilidade aos experimentos mágicos.

Crowley é taxativo ao falar sobre a importância desse instrumento, alegando que praticar magia sem método, e sem manter registros acurados das práticas, é algo praticamente inútil:

Imediatamente após a Licença para Partir, e o encerramento geral do trabalho, é necessário que o magista se sente e escreva seu registro mágico. Por mais que tenha sido fatigado pela cerimônia, ele deve se esforçar em fazer isso até que se torne um hábito. Na verdade, é melhor fracassar na cerimônia mágica do que deixar de fazer um registro acurado dela. Não há dúvida quanto a essa afirmação. (...) O registro do magista é seu maior apoio. É tolice praticar Magia sem método. Praticar Magia sem manter um registro é como tentar administrar um negócio sem livro de contas. Há muita gente que tem uma ideia completamente errada da natureza da Magia. (...) Mas àqueles que buscam a realidade, a Chave da Magia é oferecida e eles são aqui prevenidos de que a chave daquele cofre-forte é inútil sem a combinação. E a combinação é o registro mágico. De certo ponto de vista, o progresso mágico consiste em decifrar nossos próprios diários.<sup>6</sup>

– Crowley / Liber ABA

Um dos libri mais importantes para o iniciante – o Liber E vel Exercitiorum – é aberto com a seguinte frase: “é absolutamente necessário que todos os experimentos sejam registrados em detalhes durante, ou imediatamente depois, de sua realização”.<sup>7</sup>

Toda a parte I do Liber E é dedicada à questão do registro e explorar seus nove itens já seria material suficiente para um outro livro. Por isso, vale à pena ao menos mencionar as indicações que ali são feitas para o estudante, sendo que, ao invés de repetirmos o que já está escrito de modo bem objetivo ali, vamos apenas reorganizar essas orientações da forma a seguir:

1. **Quando anotar:** durante ou imediatamente depois da realização da prática.
2. **O que é importante anotar:**
  - a. As condições físicas, mentais e emocionais do experimentador; e

<sup>6</sup> Liber ABA (Book 4), capítulo XVII, tradução da Hermetic Library, disponível em <https://hermetic.com/doku.php?id=pt:crowley:book-4:chap17&rev=1507308681>. Acessado em 09/12/2023.

<sup>7</sup> Crowley, A. Magick: Liber ABA, Book 4. 2nd rev. ed. San Francisco: Wiser Books, 2008. p.604.

- b. Hora, local, clima e quaisquer condições que possam atuar como:
  - i. Causas diretas ou coadjuvantes do resultado;
  - ii. Inibidoras do resultado; ou
  - iii. Fontes de erro.
3. **Como anotar:** com honestidade, cuidado, simplicidade, cientificidade e de modo tão inteligível quanto possível, a fim de que outros possam se beneficiar de seu estudo.
4. **Referência de diário:** John St. John, por demonstrar o método, ainda que não tenha a simplicidade requerida.
5. **Objetivos:** nesse estágio, não é necessário – e talvez não seja sequer possível, enquanto não dominar as práticas mais elementares – que o aspirante compreenda totalmente o objetivo final dessas pesquisas.
6. **Reconhecimento:** a A.: A.: não reconhecerá oficialmente nenhum experimento que não tenha sido devidamente registrado.

Finalmente, é dito ainda que “o experimentador é encorajado a usar sua própria inteligência e a não confiar em ninguém, não importa o quão conceituado, mesmo entre os nossos”.

No João São João<sup>8</sup> (no inglês, John St. John), Crowley não só entra em uma profusão de detalhes – incluindo o que comeu, e coisas do gênero –, como deriva para diversos outros assuntos cuja correlação com as práticas não é muito direta. Como ele mesmo admite, embora revele o método, falta simplicidade ao registro. Esse é um dos motivos pelos quais não se viu vantagem em abordá-lo no presente trabalho.

Inclusive, em um vídeo sobre esse assunto, Frater IAO131<sup>9</sup> (do canal Thelemic Union) afirma que não recomenda ao iniciante incluir fatos sem relação com a prática mágica em seu diário, sugerindo que este mantenha um diário separado para as coisas do dia a dia e limite seu diário mágico ao registro das práticas, posição que, embora caiba destacar pela importância da fonte, é diametralmente oposta à defendida aqui, por razões que explicaremos adiante.

A esse respeito, é fundamental prestar especial atenção ao que foi dito acima (não confiar em ninguém, a não ser em si mesmo), seja no sentido de como conduzir

---

8 João São João - O Diário Mágico do Retiro de G. H. Frater, O.. M.. - O Diário do Retiro Mágico de Frater O.M. (Aleister Crowley). Um modelo de como deve ser um diário mágico, caracterizado por meticolosas análises e completude de informações. Disponível em <https://www.hadnu.org/publicacoes/joao-sao-joao-o-diario-magico-do-retiro-de-g-h-frater-o-m/>. Acessado em 2/2/2024.

9 Thelemic Union. The Magical Record: Journaling the Practices of Magick, 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=qd5n8iXy\\_L4](https://www.youtube.com/watch?v=qd5n8iXy_L4). Acessado em 09/01/2023.

as próprias práticas, como registrá-las e, acima de tudo, como interpretá-las. Aliás, assim como tudo o que diz respeito a Thelema, não há consenso, e o magista é chamado a usar de seu próprio engenho na solução dos obstáculos que porventura for encontrando pelo caminho.

Nossa posição é a de que, por mais que o registro das práticas possa contribuir para aperfeiçoá-las, o magista não pratica apenas para tornar-se excelente no que faz, mas também para decifrar-se, para trazer à luz da consciência aquilo que é desconhecido em si e, nesse sentido, é preciso que escreva não apenas sobre o que pratica, mas sobre tudo o que ocorre de relevante durante seu percurso mágico, **pois o experimento mágico e o discurso que o magista produz sobre ele são duas práticas diferentes:**

A escrita supõe um processo de expressão e de objetivação do pensamento que explica sua atitude de reforçar ou constituir a consciência daquele que escreve. Escrever sobre si é autorrevelar-se, é um recurso privilegiado de tomada de consciência de si mesmo, pois permite atingir um grau de elaboração, lógica e de flexibilidade, de forma mais acabada do que na expressão oral.<sup>10</sup>

– Denice Catani / Docência, Memória e Gênero

Para Jung, cujo próprio processo de autoanálise envolveu a escrita de diários, a tarefa de observar aquilo que é inconsciente em nós não só é interminável como precisa ser permanente:

Embora os efeitos da anima e do animus possam ser tornados conscientes, eles próprios são fatores que transcendem a consciência e estão além do alcance da percepção e da volição. Por isso permanecem autônomos, apesar da integração dos seus conteúdos e, assim sendo, devem ser constantemente lembrados. Isto é extremamente importante do ponto de vista terapêutico, porque a observação constante presta ao inconsciente um tributo que garante mais ou menos a sua cooperação. O inconsciente, como sabemos, nunca pode ser “resolvido” de uma vez por todas. É, de fato, uma das tarefas mais importantes da higiene psíquica prestar atenção contínua à sintomatologia dos conteúdos inconscientes.<sup>11</sup>

– C. G. Jung / Aion

Não se trata aqui de “psicologizar” a magia, tentando equipará-la à psicoterapia, mas de lançar mão de suas ferramentas para aprimorar o trabalho mágico (ou, ao menos, para não atrapalhar).

10 CATANI, D. B. et al. (orgs.). Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 2000.

11 Jung, C. G. Aion: estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. 10ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

Tem sido dito que existe um mecanismo de censura que nos impede de agir em nossa plena capacidade. Seja este mecanismo visto como uma das funções do Sagrado Anjo Guardião, como uma barreira mental natural e necessária, ou – como outros o interpretaram – o trabalho de demônios ou aliens residentes na mente, é claramente um objetivo para o magista ultrapassá-lo ou destruí-lo. O magista deve mapear sua consciência a partir de seu interior, se desfazendo do mecanismo de censura proporcionalmente ao aumento de seu autoconhecimento, até que ele não mais interfira em sua estratégia global.<sup>12</sup>

– Ray Sherwin / O Livro dos Resultados

A esse respeito, ao falar da **Sombra**, em seu livro sobre a jornada do escritor, Vogler comenta ter ficado impressionado com a força desse padrão arquetípico dentro de nós, por funcionar como um verdadeiro receptáculo de sentimentos e desejos não expressos:

É uma energia que se acumula quando falhamos em honrar nossos talentos, seguir o chamado de nossas musas ou viver conforme nossos princípios e ideais. Ela possui uma força enorme, porém sutil, operando em níveis profundos para se comunicar conosco, talvez sabotando nossos empenhos, perturbando nosso equilíbrio até nos darmos conta da mensagem que esses eventos trazem – que devemos expressar nossa criatividade, sua verdadeira natureza, ou morrer.<sup>13</sup>

– Christopher Vogler / A Jornada do Escritor

Nesse caso, ainda que não se trate de um thelemita falando sobre seu percurso mágico, mas de um autor tentando elucidar o trabalho de escrita, é possível traçar alguns paralelos entre os dois processos, tanto pelo fato de a via de acesso ser a palavra quanto pela importância dada à necessidade de **nos tornarmos conscientes de nosso funcionamento interno**, a fim de que a nossa natureza possa se expressar mais livremente.

Em resumo, além de conferir cientificidade ao trabalho mágico e de ser uma via para o autoconhecimento – dois motivos que, por si só, já seriam mais do que suficientes para justificar seu uso –, o diário tem potencial para ser uma ferramenta ainda mais importante, no sentido de servir como **instrumento para equilibrar as demandas**

---

12 Sherwin, R. O Livro dos Resultados. Pinheiral: Caos, 2016. pp. 12-13. Versão em pdf disponível em <https://caotize.se/wp-content/uploads/O-Livro-dos-Resultados-Ray-Sherwin-Magia-do-Caos-Caotize-se.pdf>. N.A.: acho que podemos substituir sem medo o termo “estratégia global” por “Grande Obra” e temos um texto thelêmico.

13 Vogler, C. A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

**conscientes e inconscientes** e, nesse processo, liberar uma quantidade considerável de energia para trabalhos mágicos mais avançados.

Percebi a importância do diário como uma ferramenta fundamental de evolução, a ponto de não conseguir entender como pude chegar a esta idade sem ter tido um. Hoje, mesmo que meu instrutor me abandonasse, mesmo que eu decidisse ou precisasse sair da Santa Ordem, ainda que ocorresse em minha vida algo que lhe invertesse completamente os rumos, ainda assim, eu jamais abandonaria a prática do diário, porque agora reconheço o poderoso instrumento que tenho a meu favor. Deixou de ser uma exigência ou imposição para ser uma das mais poderosas “armas” do meu desenvolvimento.<sup>14</sup>

– Frater zG / A Evolução do Processo de Escrita no Diário

## O Diário do Iniciante na Santa Ordem

Crowley não permitia que um Probacionista avançasse a Neófito antes que fosse capaz de manter um registro diário de suas práticas por pelo menos um ano. Nesse sentido, vale destacar que não lhe é exigida nenhuma prática específica, ao passo que a relevância dos registros, essa sim, é exaustivamente estressada:

Ele pode selecionar qualquer prática que preferir, mas, seja como for, deve manter um relatório exato, de modo que possa descobrir a relação causa-efeito em seu trabalho (...)<sup>15</sup>

– Wasserman / Crowley e a Prática do Diário Mágico

Embora o Probacionista precise desenvolver certa familiaridade com todas as práticas consideradas fundamentais (asana, pranayama, assunção de Formas-Divinas, vibração de nomes divinos, rituais de banimento e invocação, e as práticas definidas nas seções 5 e 6 de Liber O), por mais relevantes que sejam os resultados das operações realizadas, estas têm que ser **necessariamente registradas** e de modo acurado.

Talvez não seja um exagero afirmar que, durante a Probação, **o ato de registrar é mais importante do que aquilo que é registrado**, já que a Grande Obra desse grau é obter o conhecimento científico da **própria** natureza e poderes, tarefa na qual todo iniciante está obviamente destinado a falhar caso caia na armadilha de dar mais ênfase às práticas em si do que ao seu modo particular de praticá-las.

O que se aprende nesse estágio são os fundamentos de um trabalho que ocorrerá em toda a Golden Dawn e cuja principal ferramenta é o diário. Assim, nesse ponto do

---

14 Frater zG - A evolução do processo de escrita no Diário. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-do-processo-de-escrita-no-diario-bbb8931d9a6a>. Acessado em 27/12/2024.

15 Wasserman, J. Aleister Crowley e a Prática do Diário Mágico. São Paulo: Madras, 2009.

percurso mágico, em que “a base da pirâmide” é estabelecida, talvez mais importante do que aquilo que se pratica seja o aprendizado sobre o modo de praticar, o método ao qual Crowley se referiu ao falar do John St. John.

Já dissemos que o Probacionista tem apenas um objetivo verdadeiro: seguir seu próprio caminho. O que não significa que ele chegará a algum lugar. A ênfase está no “seu”, e não na forma. Portanto, a autenticidade da escolha está em um nível superior à própria escolha.<sup>16</sup>

– Frater 273 / Hide and Seek

A esse respeito, Frater 273 afirma que se arrepende do fato de ter registrado exclusivamente suas práticas quando era Probacionista, já que elas representavam apenas uma parte de sua Provação:

O diário é sobre o Probacionista e não sobre suas práticas. Ele tem uma personalidade, da mesma forma que o Probacionista tem a sua; uma personalidade que só avança e cresce na diversidade. Além da tarefa que ele tem que fazer diariamente, ele também tem o dever de manter o registro. A escrita do diário mágico é o primeiro passo verdadeiro dentro da Golden Dawn. Se tivesse que abrir mão de todas as minhas práticas, eu só o faria se fosse para manter comigo meu diário. Portanto, antes de olhar as possibilidades que o Probacionista tem diante de si, temos que estudar essa prática acima de todas as outras e discutir os modos pelos quais o diário pode ser escrito.<sup>17</sup>

– Frater 273 / The Magical Diary

## O Diário como Instrumento de Transformação

*Para que possamos viver, devemos morrer para o que somos e para que possamos morrer para o que somos, precisamos primeiro despertar.*<sup>18</sup>

– G. I. Gurdjieff / Em Busca do Ser

Ainda que a escrita do diário possa ter um papel catártico e, em alguns casos, até terapêutico, no sentido de contribuir para manter um certo equilíbrio mental, ou de ajudar a reestabelecer esse equilíbrio quando ele é abalado, ela é principalmente um processo de transformação:

Você ficará surpreso com o fato de que escrever sobre um ato específico muda o próprio ato. Essa descoberta é especialmente importante tanto para o Probacionista quanto para o Neófito, e sustentará o Aspirante até os confins da

16 Frater 273. Hide and Seek. Disponível em <https://frater273.com/2018/11/01/hide-and-seek/>. Acessado em 01/01/2024.

17 Frater 273. The Magical Diary. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/15/the-magical-diary/>. Acessado em 27/12/2024.

18 Gurdjieff, G. I. Em Busca do Ser. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pensamento, 2017.



Golden Dawn. Mesmo o Adeptus Minor não encontra objeção a esta afirmação. Tanto o Diário como o Superior desempenham precisamente a mesma função, exceto na forma oposta de agir. A maneira mais viável é olhar para o Diário como seu Superior Interno.<sup>19</sup>

– Frater 273 / The Magical Diary

Wasserman testemunhou esse processo em si mesmo e relata como Crowley também usou o diário com esse intuito:

(...) passei por uma situação psicológica que, talvez pela primeira vez, me mostrava a necessidade de uma grande mudança e de encarar com sinceridade algumas questões maiores da vida. Por conta do treinamento prévio e do hábito, escrevi detalhadamente em meu diário sobre esse processo por pelo menos cinco meses (...). Crowley também lidou com esse aspecto do diário, em que a prática de escrever propriamente dita ajuda a realizar a Grande Obra. (...) Desse modo, o ato de relatar é visto como uma disciplina espiritual do seu próprio componente psicológico, no qual o ato em si cria a mudança em conformidade com a Vontade do Adepto.<sup>20</sup>

– James Wasserman / Crowley e a Prática do Diário Mágico

Além disso, Wasserman afirma que a produção de relatos sobre as práticas confere significado à busca mágica, investindo a personalidade mágica de poderes e funcionando tanto como um reflexo do magista quanto como um instrumento de medição de seu estado mágico.

A esse respeito, mesmo praticantes de outros sistemas mágicos, como Ray Sherwin, também afirmam que

O registro mágico é o espelho do magista. Nele, ele se vê, não como os outros o percebem, mas como ele realmente é. Nele, suas qualidades e defeitos estão expostos e disponíveis para exame minucioso.<sup>21</sup>

– Ray Sherwin / O Livro dos Resultados

Esse exame minucioso mencionado pelo autor, embora envolva um mergulho do magista para dentro de si mesmo, em níveis que podem se revelar verdadeiramente profundos, tem uma metodologia surpreendentemente simples, que envolve: i. au-

---

19 Frater 273. The Magical Diary. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/15/the-magical-diary/>. Acessado em 27/12/2024.

20 Wasserman, J. Aleister Crowley e a Prática do Diário Mágico. São Paulo: Madras, 2009. p. 50.

21 Sherwin, R. O Livro dos Resultados. Pinheiral: Caos, 2016. p. 17. Versão em pdf disponível em <https://caotize.se/wp-content/uploads/O-Livro-dos-Resultados-Ray-Sherwin-Magia-do-Caos-Caotize-se.pdf>.



to-observar-se; ii. registrar / relatar para si mesmo o que é observado; iii. deixar “a poeira assentar”; e iv. analisar o que foi escrito.

Além do registro das práticas, o que se pode atingir por meio desse processo varia de pessoa para pessoa e depende de inúmeros fatores, entre eles o grau de honestidade com que o magista é capaz de se auto-observar e o quão fundo se permite mergulhar nas próprias profundezas.

Em um nível mais raso (mas nem por isso menos importante), a escrita do diário mágico pode ajudar a pessoa, por exemplo, a: dar vazão a emoções que não conseguiu expressar; manter um registro de sua história; organizar as próprias ideias; comparar práticas e extrair o melhor delas, avaliando o próprio percurso mágico e fazendo eventuais ajustes.

Aprofundando um pouco mais, é possível mapear vários mecanismos internos e tomar consciência deles, o que faz do diário uma poderosa ferramenta para identificar preconceitos, reconhecer projeções, desconstruir crenças e mudar hábitos, entre várias outras possibilidades.

No entanto, à medida que o processo de auto-observação e elaboração vai se tornando habitual, a tendência é que pessoa vá assumindo progressivamente mais responsabilidade sobre seus próprios atos, ganhando maior clareza sobre sua Vontade e conseguindo integrar os aspectos conscientes e inconscientes de sua personalidade, liberando energia psíquica para sua Grande Obra.

O autoestudo e a auto-observação, se conduzidos corretamente, levam a pessoa à compreensão do fato de que algo está errado com sua máquina e com suas funções em seu estado normal. O ser humano percebe que é precisamente porque está dormindo que ele vive e trabalha em apenas uma pequena parte de si mesmo. É precisamente por essa razão que a grande maioria de suas possibilidades permanece não realizada, a grande maioria de seus poderes ficam sem uso. A auto-observação leva o sujeito à compreensão da necessidade de mudança. E ao observar a si mesmo, ele percebe que a própria auto-observação provoca certas mudanças em seus processos internos. Ele começa a entender que a auto-observação é um meio de despertar. Por observação ele lança, por assim dizer, um raio de luz em seus processos internos que até então trabalhavam em completa escuridão. E sob a influência dessa luz, os próprios processos começam a mudar.<sup>22</sup>

– P. D. Ouspensky / In Search of the Miraculous

---

22 Ouspensky, P. D. In Search of the Miraculous. New York: Harcourt, 2001. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. pp. 145-146. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Cabe ressaltar que a tentativa de organizar os produtos da escrita nos níveis propostos acima é meramente didática e um tanto arbitrária, tendo sido sugerida apenas como referência para demonstrar que, em primeiro lugar, mesmo trabalhada em níveis mais próximos da consciência ordinária, por assim dizer, já se pode auferir resultados relevantes e, em segundo lugar, que a prática reiterada traz a possibilidade de conduzir o trabalho a níveis mais profundos, no sentido de uma maior consciência sobre os nossos processos internos.

## O Diário como Prática Mágica Independente

É notório que o diário tem sido usado por vários sistemas religiosos como meio de registro das práticas, com a finalidade de preservação e transmissão de conhecimentos. Já sua utilização como ferramenta de autoanálise possui limitações, considerando que exige certo domínio da linguagem escrita.

Porém, a gama de recursos disponíveis para o magista disposto a encarar a si mesmo por meio do diário é inesgotável. Quem aceita enfrentar esse desafio talvez passe a compreender melhor por que Thoth, o Deus da Palavra, é também o Deus da Magia.

O registro da prática no diário é em si mesmo uma prática e entender isso é muito valioso para a ascensão de todo aspirante. (...) O diário deve ser a obra de todos os nossos sentidos, pensamentos, ânsias, sucessos e falhas, altos e baixos, e não só um mero registro da prática e um relatório do resultado.<sup>23</sup>

– Frater 273 / The Magical Diary

Ou seja, usar o diário como mero repositório de práticas é como usar uma Ferrari em um engarrafamento, sem conseguir passar da segunda marcha.

Quanto ao diário, o orientado precisa compreender que não é uma formalidade ou forma de provar ao Neófito que esteve trabalhando, mas uma ferramenta na análise de si mesmo.<sup>24</sup>

– Frater F418 / Quase Tudo o Que Sei Sobre o Neófito

Michael Reese vai além, em seu artigo *Why You Should Keep a Magical Journal*, dizendo que se a palavra é a manifestação do pensamento, **a escrita do diário é uma prática destinada a moldar a realidade**<sup>25</sup>, conferindo ao processo de traduzir os pensamentos em palavras o status de ato criador e, portanto, de ato mágico.

23 Frater 273. The Magical Diary. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/15/the-magical-diary/>. Acessado em 20/08/2023.

24 Frater F418. Quase Tudo o Que Sei Sobre o Neófito. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/quase-tudo-que-sei-sobre-o-ne%C3%B3fito-5610968c7c78>. Acessado em 12/01/2024.

25 Reese, M. Why you should keep a magical journal. Disponível em <https://www.spiralnature.com/magick/keep-a-magical-journal/>. Acessado em 27/12/2024.

Em suma, enxergar a escrita do Diário Mágico como mero registro burocrático das operações mágicas de uma pessoa significa renunciar a todo o seu potencial como instrumento de desenvolvimento individual, uma vez que, além de permitir que os registros das práticas possam ser analisados de modo mais científico, produzir um discurso sobre elas pode nos conduzir ao autoconhecimento, a via privilegiada de acesso ao “gênio oculto” que há em todos nós.

Desde o início dos tempos, (...) existiram métodos técnicos de realização espiritual por meio dos quais podia ser verificada a verdadeira natureza do homem e pelos quais o gênio da mais alta ordem se desenvolveu. (...) Conheça a si mesmo foi a injunção suprema que deu impulso ao seu elevado empreendimento. Se a criatividade do gênio resultou da descoberta do Eu mais íntimo e da exploração das fontes de energia universal, se foi resultado da inspiração das musas ou um estímulo na direção de alguma arte ou filosofia, ou ocupação leiga, tanto faz. No início do treinamento, entretanto, esses místicos eram completamente indiferentes a qualquer outro resultado que não fosse o espiritual. O autoconhecimento e a autodescoberta – sendo o prefixo “auto” usado num sentido elevado, noético e transcendental – eram os objetivos primários.<sup>26</sup>

– Israel Regardie / *The Tree of Life: a study in magic*

Portanto, o que se propõe aqui é que a produção do diário mágico seja encarada e utilizada como **uma prática mágica em si, com metodologia, objetivos e resultados próprios.**

Cada ser consciente deve diferir de todos os outros em virtude da sua posição no universo; não de latitude e longitude, nem de tempo e espaço, mas sim de grau ou estado de consciência, de ponto de vista. Sua identidade, da mesma forma, deve necessariamente ser de pura negação<sup>27</sup>. O valor de qualquer ser é determinado pela quantidade e qualidade das partes do universo que ele descobriu e que, portanto, compõem a sua esfera de experiência. Cresce ampliando esta experiência, ampliando, por assim dizer, essa esfera. (...) O valor real de qualquer nova experiência é determinado pela sua aptidão para aumentar a soma total do conhecimento, ou pelo grau de compreensão e iluminação que ela confere às experiências anteriores.<sup>28</sup>

– Crowley / *On Thelema*

26 Regardie, I. *The Tree of Life: a study in magic*. San Francisco: Wiser Books, 1972. p. 28.

27 Será sugerida uma proposta de elucidação dessa frase no próximo tópico.

28 Crowley, A. *On Thelema*. Disponível em <https://hermetic.com/aidolon/on-thelema>. Acesso em 12/01/2024.

## Conhece-Te a Ti Mesmo

*Aquele que fez deuses da nossa raça, conhecendo o Bem e o Mal; Ele ordenou 'Conhece-te a ti mesmo!' e ensinou Iniciação. Ele é 'o Diabo' do Livro de Thoth, e Seu emblema é BAPHOMET, o Andrógino que é o hieróglifo da perfeição arcana. O número de Seu Atu é XV, que é Yod He, o Monograma do Eterno, o Pai um com a Mãe, a Semente Virgem um com o Espaço que tudo contém. Ele é, portanto, Vida e Amor.*

— Aleister Crowley, *Magick in Theory & Practice*

O método de escrita do diário é bem simples de entender, mas difícil de pôr em prática, como testemunham diversos magistas que reclamam da própria procrastinação e que afirmam praticar com mais frequência do que registram<sup>29</sup>.

O mais curioso com relação a essa afirmação é que, justamente por não registrarem, não se pode ter certeza de quão acurada é essa percepção. Será que realmente praticam tanto quanto acreditam ou que, caso passassem a registrar todas as práticas, iriam se deparar com a dura realidade de que, na verdade, não praticam tanto quanto imaginavam?

Como já dito aqui, de modo geral, a prática do diário se resume a quatro etapas:

1. Observar-se;
2. Produzir um discurso sobre o que se observa;
3. Passar por um período de silêncio; e
4. Reanalisar os registros “de fora”, produzindo um novo discurso sobre eles, agora em terceira pessoa.

Quanto ao primeiro ponto (observar), embora a essência do trabalho de escrita do diário seja o ato de traduzir pensamentos, sentimentos e percepções em palavras, essa escrita é quase que indissociável do ato de auto-observação, sendo essencial para isso o treino do olhar.

O que é registrado precisa ser antes pensado, sentido, percebido, experimentado. Para que alguém possa traduzir uma determinada experiência em palavras é necessário que seja, em alguma medida, capaz de se observar vivenciando aquilo.

E a auto-observação permanece importante quando se passa ao registro, pois é interessante que a pessoa continue se observando ao escrever, ao selecionar as palavras e a decidir o modo como são escritas, prestando atenção ao próprio discurso, ao invés de simplesmente lançar as palavras no diário de modo abrupto e impensado, sem se dar conta do que está dizendo.

---

29 Pesquisa sobre a prática do diário, ainda em andamento, cujos resultados preliminares apontam no sentido de uma dificuldade maior para registrar do que para praticar: <https://forms.gle/vM2YuFZzEsmBUYBt5>.

Por fim, é a observação posterior desse material em 3ª pessoa, incluindo as reações ao que é lido, que vai possibilitar o trabalho de autoanálise, que consiste, em grande parte, em fazer perguntas sobre o que foi escrito, sem julgamentos ou críticas, e sequer sem a pretensão de respondê-las, mas simplesmente questionando o que foi afirmado.

Assim, seja a priori, a posteriori, ou mesmo em paralelo ao processo de registro, a **auto-observação é uma habilidade fundamental para o processo mágico**, uma vez que é a partir dela que se passa ao estudo de si mesmo e que se pode, quem sabe, chegar ao autoconhecimento:

O conhecimento de si mesmo é um objetivo muito elevado, mas muito vago e distante. O ser humano, em seu estado atual, está muito longe do autoconhecimento. Portanto, a rigor, nem sequer pode definir seu objetivo como autoconhecimento. Seu grande objetivo deve ser o autoestudo. Basta que a pessoa compreenda que deve estudar a si mesma, se conhecer, da maneira certa. O autoestudo é o trabalho ou caminho que leva ao autoconhecimento. Porém, para estudar a si mesma deve primeiro aprender como estudar, por onde começar, que métodos usar. A pessoa deve aprender como estudar sozinha e quais os métodos de autoestudo. O principal método de autoestudo é a auto-observação.<sup>30</sup>

– P. D. Ouspensky / In Search of the Miraculous

Ou seja, para fazer registros consistentes no diário e, posteriormente, proceder à análise desses registros, é preciso que o magista aprenda primeiro a se observar e que passe a fazer isso de modo permanente, de preferência, com certo distanciamento daquilo que observa e suspendendo a autocrítica.

É preciso aprender a observar. Se não podemos observar o movimento da mente, então o que acontecerá além da mente não será observado. Assim como observamos as nuvens no céu, as flores num jardim, as ondulações nas águas, as ondas no oceano, sem querer fazer nada a respeito, também podemos observar o movimento da mente de forma relaxada, sem condenar, sem aceitar, sem negar. Primeiro observamos, sentados sozinhos em solidão e, se este estado de observação pode ser sustentado na solidão, então podemos ficar em estado de observação ao longo do dia. Alguém vai ao escritório para trabalhar, ouve as palavras do chefe, vê a reação surgindo em si mesmo, de raiva, de irritação, de aborrecimento. Vê-se o desafio objetivo e a reação subjetiva surgindo simultaneamente. E essa capacidade de estar consciente tanto de um

---

30 Ouspensky, P. D. In Search of the Miraculous. New York: Harcourt, 2001. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. p. 105. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

quanto do outro resulta simultaneamente em uma elevação de consciência do plano de desafio e reação para um plano completamente diferente.<sup>31</sup>

– Vimala Thakar / *Totality in Essence*.

É a partir daí que certas mudanças começam a ocorrer no observador, no sentido de conseguir paulatinamente ir se desidentificando tanto de seu próprio corpo, e das perturbações de sua própria mente, quanto de sua percepção da realidade, a fim de poder se ver de forma cada vez menos crítica e mais neutra, aceitando as aparentes contradições que surgirem no processo:

A auto-observação é uma arte e uma ciência por si só, que pode ser cada vez mais dominada ao longo da vida. Seguir os fluxos e refluxos incessantes da mente não é tão fácil quanto pode parecer. A verdadeira auto-observação, na verdade, requer um esforço consistentemente focado e regulado, em todos os tipos de situações, fáceis ou difíceis. A primeira coisa que você aprende é como é surpreendentemente difícil sustentá-la, mesmo por um momento. No entanto, para que você não desanime, lembre-se de que você raramente sabe quando está aprendendo ou absorvendo conhecimento e de que, muitas vezes, quando você pensa que está, não está. Esse é um princípio imutável da verdadeira aprendizagem, uma vez que a distingue da doutrinação, do condicionamento e coisas do gênero. Apesar disso, depois de um tempo, você será capaz de perceber pequenas mudanças em si mesmo, desde que não ponha muita energia nisso. A aceitação acrítica de si mesmo é uma pré-condição e sua evolução se manifestará posteriormente sob a forma de reduções graduais das tendências obsessivas e compulsivas, do excesso de emocionalismo, da racionalização e do negativismo.<sup>32</sup>

– Litvak & Senzee / *More Ways to Use Your Head*

Nesse espírito, o magista vai simplesmente registrar o que observa em seu diário, com a riqueza de detalhes suficiente para uma representação tão acurada quanto possível do que lhe ocorre e dos pensamentos, sentimentos e reações decorrentes, sem julgamentos e sem censura. Só mais adiante nesse processo, quando tiver se distanciado o suficiente dos acontecimentos que deram origem aos registros, é que ele voltará ao diário para releitura e análise do que foi escrito.

Através da auto-observação, mais presença entra automaticamente em sua vida. No momento em que você percebe que não está presente, você está presente. Sempre que você for capaz de observar sua mente, você não estará mais preso a ela. Outro fator entrou em cena, algo que não é da mente: a presença

31 Thakar, V. *Totality in Essence*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986. Ibid. p.28.

32 Litvak, S. e Senzee, W. *More Ways to Use Your Head*. New Jersey: Prentice-Hall, 1985. Ibid. pp. 59-60.

testemunhadora. Esteja presente como o observador de sua mente – de seus pensamentos e emoções, bem como de suas reações em diversas situações. Esteja pelo menos tão interessado em suas reações quanto na situação ou pessoa que faz você reagir. Observe também quantas vezes sua atenção está no passado ou futuro. Não julgue ou analise o que você observa. Observe o pensamento, sinta a emoção, observe a reação. Não faça deles um problema pessoal. Você sentirá então algo mais poderoso do que qualquer uma dessas coisas que você observa: o imóvel, observando a própria presença por trás do conteúdo da sua mente, o observador silencioso.<sup>33</sup>

– Eckhart Tolle / The power of Now

Se tudo der certo, a prática reiterada da auto-observação possivelmente nos levará à desidentificação com nossos processos corporais, mentais e emocionais e à conclusão de que, na realidade, **não há identidade entre o que pensamos que somos e o que somos de fato** – o que nem sequer é passível de ser representado em palavras.

Por meio desse processo, poderemos talvez enxergar o quão fragmentado e contraditório é isso que chamamos de Eu e entender que não somos aquilo que sentimos, pensamos, percebemos, projetamos nem expressamos.

Só então, quem sabe, chegaremos finalmente à conclusão de que, na verdade, somos o que sobra depois de conseguirmos tirar da frente tudo o que não somos. E talvez seja isso a que Crowley se refere quando diz que a identidade do ser consciente deve necessariamente ser de pura negação.<sup>34</sup>

## Quando Começar um Diário

O melhor momento para se iniciar um diário mágico é já. No caso da A.: A.:, uma vantagem de a pessoa começar antes mesmo de pedir para ser instruída é que, quando virar Probacionista, já terá pelo menos desenvolvido o hábito da auto-observação.

Há muito tempo, comecei a acreditar que era um bom magista. Eu trabalhei muito; Li e experimentei insights diferentes e maravilhosos, mas sem registros precisos. Às vezes, não só esqueci quando e o que fiz, mas também esqueci os resultados do trabalho. Esta é a ausência de Thelema na Magia prática. Trabalhei com afincio e dedicação, mas sem plena consciência, sem a parte mais importante – que é a plenitude. Resultados perfeitos, conclusões e insights divinos não são nada comparados à consciência de todo o processo. Na verdade, é o único segmento verdadeiro do nosso trabalho – a plenitude. Mantenha o Diário, portanto, mesmo que você não seja um Aspirante de Magia ou Misti-

33 Tolle, E. The Power of Now. Vancouver: Namaste Publications, 1997. Ibid.

34 Crowley, A. On Thelema. Disponível em <https://hermetic.com/eyadlons/on-thelema>. Acesso em 12/01/2024.



cismo. É uma ferramenta preciosa para a sua psicanálise, a chave da porta da sua realidade máxima.<sup>35</sup>

– Frater 273 / Another Letter to The Probationer

Ao ser aceita como Estudante dos Mistérios, pode ser proveitoso que a pessoa faça resumos, esquemas e/ou avaliações críticas sobre o que estiver lendo, que descreva como está sendo o processo de leitura e que tente estabelecer relações entre os conceitos que for aprendendo nos livros. Além disso, ela já pode ir pesquisando e refletindo sobre seu futuro mote. E o diário pode muito bem servir para auxiliar em tudo isso. No entanto, **se ela simplesmente passar a se auto-observar o máximo que conseguir, já estará iniciando o trabalho.**

É comum que muitos Estudantes se sintam perdidos, sem saber por onde começar. A esse respeito, como em muitas outras práticas da A.: A.:, ainda que com a ajuda de seu Superior, a pessoa vai ter que encontrar o caminho por si mesma. Porém, uma boa forma de começar é justamente escrevendo o que ela for descobrindo sobre a Santa Ordem e sobre ela própria nesse processo: o que pretende ao pedir para ser instruída; como se sente quanto à instrução; como está sendo a espera; como imagina que será a pessoa que vai instruí-la; quais são suas expectativas, desejos, preocupações; etc.

Futuramente, como Probacionista, a pessoa irá escrever no diário tudo o que possa ajudá-la a obter o conhecimento científico sobre sua natureza e poderes. Se, nesse ponto, ela já tiver alguma experiência na escrita de um diário, vai poder aproveitar incrivelmente mais o período da Probação, cabendo ao instrutor fazer apenas o ajuste fino do processo.

Para o instrutor, o trabalho de discutir e aprimorar a forma do texto com alguém acostumado a se auto-observar, e que já possui o hábito da escrita, é um modo bem mais interessante de investir o próprio tempo e esforço do que ter que desenvolver a técnica da escrita em alguém que sequer tem a capacidade de observação e muitos menos a disciplina necessária para anotar aquilo que vivencia.

Se rituais como Liber Resh vel Helios, os banimentos e o Dizer a Vontade forem realizados durante um período de tempo, seu registro começará a falar com você de uma forma que só você entenderá. Isso só ocorre através da descida da Gnose e requer a perfeita recordação do pensamento. Lembre-se, manter seu Diário Mágico treina você nessa habilidade específica, mesmo que você provavelmente não tenha consciência disso quando começar. Este processo leva tempo. Você não pode começar um diário hoje e esperar resultados em uma semana. No entanto, uma vez que você comece a obter Conhecimen-

---

35 Frater 273. Another Letter to The Probationer. Disponível em <https://frater273.com/2018/10/13/another-letter-to-the-probationer/>. Acessado em 01/01/2024.

to Interior, você será levado a buscar o Eu ainda mais e seu anjo irá guiá-lo passo a passo, trazendo-o até o limiar de sua Estrela e das Leis de sua Verdadeira Vontade. Se você não se preocupou em manter um Diário Mágico, não poderá haver reflexão séria sobre o Eu e sem isso é virtualmente impossível para um anjo descer, a menos que se viva um estilo de vida extremamente casto, o que parece impossível para os Thelemitas. Então, se você ainda não começou, comece a manter um Diário Mágico hoje.<sup>36</sup>

– Frater Achad Osher / An Open Epistle on the Magickal Diary

Quem começa um diário é meio como o Louco do tarô, com sua trouxinha, à beira do abismo, ou Chapeuzinho, com sua cestinha, a caminho da casa da vovó. A pessoa está sozinha, sem ninguém para guiá-la. Em certo sentido, é tão ingênua e inexperienced quanto Parsifal em busca do Graal. E cheia de questões. Talvez a principal delas seja saber por onde começar.

## Por Onde Começar um Diário

*Comece pelo presente e o passado encontrará o caminho para dentro da sua história.*<sup>37</sup>

– Tristine Rainer / The New Diary: how to use a journal for self-guidance.

Há inúmeras maneiras de se começar um diário mágico. A primeira e mais óbvia é fazendo uma descrição do momento e de seu estado atual, selecionando o que considera relevante. Embora não seja imediatamente óbvio para o iniciante a forma de identificar essa relevância, isso virá com o tempo. Uma boa pergunta é simplesmente **“o que tenho a dizer sobre mim neste momento?”**.

Todos temos o que contar. Mesmo que se consiga imaginar um dia verdadeiramente tedioso como, por exemplo, no caso de uma pessoa que tenha passado a tarde presa em um elevador. Ainda assim, ela teria o que contar: o que sentiu, o que pensou e como agiu enquanto estava confinada? Conseguiu manter-se calma ou entrou em pânico? Tocou o alarme, gritou, tentou abrir a porta ou simplesmente sentou-se e esperou que a ajuda chegasse? Foi tenso, claustrofóbico, tedioso, tranquilo, relaxante? Havia mais alguém no elevador? Como o outro se comportou? O que conversaram? Que suposições criou sobre o desconhecido?

Difícilmente haverá alguma situação sobre a qual uma pessoa não encontrará absolutamente nada para escrever. E até isso é digno de nota como, por exemplo: “passei quatro horas do meu dia presa no elevador e curiosamente não me ocorre nada que valha a pena relatar”. Caso isso aconteça, cabe perguntar o que te afligiu de modo

36 Frater Achad Osher. An Open Epistle on the Magickal Diary. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-the-magickal-diary/>. Acessado em 11/01/2024.

37 Rainer, T. The New Diary: how to use a journal for self-guidance. New York: Tarcher, 1979.

tão intenso e profundo que você não consegue sequer se lembrar? E se a sua resposta for que só pensou coisas irrelevantes, tente fazer um esforço para garimpar as pepitas no meio dessa lama, pois certamente elas estão lá e irão brilhar sob a luz que lhes for dirigida.

No caso de alguém que já pratique magia, obviamente, o relato das práticas mágicas é de especial interesse. Nesse sentido, diz-se<sup>38</sup> que Phyllis Seckler (Soror Meral) criou dois exercícios de escrita no diário para ajudar os iniciantes: o primeiro, consistia em passar três meses anotando diariamente tudo o que fosse relacionado à própria saúde – comida, bebida, sono, exercícios, dores, remédios tomados etc. – e o segundo envolvia tomar notas das próprias projeções, ou seja, toda vez que se atribuísse a uma pessoa pensamentos, sentimentos, desejos, motivações etc. que essa pessoa não tivesse declarado explicitamente e que estivessem sendo meramente inferidos pelo magista a partir do comportamento do outro.

A inteligência de tais exercícios reside no fato de que o autoconhecimento passa pela consciência tanto do corpo (daí a necessidade de se observar a própria saúde) quanto dos mecanismos inconscientes (daí o exame das projeções), já que o corpo é um fator fundamental para a constituição daquilo que chamamos de Eu e que as projeções são como um espelho por meio do qual o inconsciente se revela.

O ambiente, os pais e outras influências têm sido rigorosos em não permitir que paixões negativas ou primitivas venham à tona. Assim, todos desenvolvem uma censura que impede que a sombra do inconsciente apareça na vida diária. No entanto, certos eventos podem desencadear uma explosão do eu sombrio em toda a sua feiúra e ferocidade. Então a reação usual é culpar outra pessoa ou vários outros pelo próprio eu inconsciente. Caso contrário, seria muito doloroso alguém admitir que pudesse ser tão demoníaco, cruel e odioso, além de muitas outras reações proibidas. Essa culpabilização dos outros é chamada de projeção.<sup>39</sup>

– Soror Meral / An Open Epistle on Projections & the Shadow

Nosso corpo está relacionado a Nephesh: a alma animal/sensorial que se relaciona com o mundo por meio dos cinco sentidos. Crowley se referiu várias vezes ao corpo como um templo – como, por exemplo, na passagem “(...) no templo do seu corpo, do qual o templo externo não passa de uma imagem”<sup>40</sup> –, além de também ter

38 Thelemistas. The Practice of the Magical Diary. Disponível em <https://www.thelemistas.org/en/MSS/Bjorge/SpiritualExercises/05-diary>. Acessado em 10/12/2023.

39 Seckler, P (Soror Meral). An Open Epistle on Projections & the Shadow. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-projections-the-shadow/>. Acessado em 11/01/2024.

40 Crowley, A. Magick: Liber ABA, Book 4. 2nd rev. ed. San Francisco: Wiser Books, 2008. “and the pantacle shall be his body, the Temple of the Holy Ghost”; “(...) in the temple of his body,

ênfatisado a importância de um corpo saudável quando estabeleceu as tarefas do Probacionista e do Neófito:

Ele deverá se manter casto, e reverente para com o seu corpo, pois a ordália da iniciação não é leve. Isso é de importância peculiar nos dois últimos meses de sua Probação.

Ele deverá de todos os modos fortificar o seu corpo de acordo com o conselho de seu Zelator, pois a ordália da iniciação não é leve.<sup>41</sup>

– Crowley / Liber Collegii Sancti

Quanto às projeções, como elas dizem respeito **àquilo que a pessoa não consegue aceitar em si mesma**, conscientizar-se delas é um dos primeiros passos para poder-mos lidar com eventuais obstáculos ao autoconhecimento. Para tanto, é importante questionar permanentemente a validade das nossas suposições a respeito do que os outros pensam e sentem, a fim de nos conscientizarmos do quanto de nós está projetado ali e de **assumirmos a responsabilidade sobre nossos próprios atos, pensamentos e palavras**.

O universo está uniformemente equilibrado. Vivemos em um mundo de causa e efeito. O que uma pessoa faz ao seu mundo se reflete exatamente no comportamento do mundo ao seu redor. Cada pessoa precisa se perguntar, quando algo importante lhe acontece: ‘O que eu fiz para causar todo esse fenômeno?’ Na verdade, cada um é responsável pelo que acontece ao seu redor e no que está envolvido. Não adianta culpar outra pessoa pelos acontecimentos. Esse é o comportamento do covarde.<sup>42</sup>

– Soror Meral / An Open Epistle on Projections & the Shadow

Crowley dizia que todo Neófito da A.: A.: seria tentado por um demônio sob a forma de mulher. Esse fenômeno, conhecido como o Ordálio de Nephesh, tem a ver tanto com a questão do corpo como gerador de desejos quanto com as projeções, já que a Vampira que tenta o Neófito seria, em tese, nada mais do que uma projeção do feminino inconsciente. Segundo Eshelman,

---

of which the outer temple is but an image” (p. 692) e outras passagens.

41 Crowley, A. Liber Collegii Sancti sub figura CLXXXV (185). Disponível em <https://www.hadnu.org/publicacoes/liber-collegii-sancti/>. Acessado em 10/12/2023.

42 Seckler, P (Soror Meral). An Open Epistle on Projections & the Shadow. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-projections-the-shadow/>. Acessado em 11/01/2024.

O real demônio com o qual o Neófito luta é interior. De todo modo, isso não previne que o ordálio se manifeste como uma projeção sobre um indivíduo ou o ambiente, se a real batalha interior não for lutada e vencida.<sup>43</sup>

– James Eshelman / O Sistema Mágico e Místico da A.: A.:

Assim, nos conscientizarmos das demandas (necessidades e desejos) do nosso corpo, assim como das nossas projeções, é essencial para vencermos o Ordálio de Nephesh, que pode começar ainda na Probação.

No entanto, essa é apenas uma das incontáveis maneiras de se começar um diário. Para isso, na verdade, a única coisa realmente necessária é simplesmente observar e anotar o que nos ocorre, quando, onde e como ocorre – ainda que seja dentro da nossa mente - bem como seu impacto sobre nós.

## Relevância: Como Saber o Que É Digno de Registro

Tudo o que acontece à pessoa é passível de registro, pois o diário é sobre ela e não somente sobre suas práticas. Além disso, alguém que se coloque em **estado de permanente observação** terá sempre algo a dizer sobre o que observa.

Porém, tentar registrar absolutamente tudo o que acontece é como fazer um mapa que seja idêntico ao território. Se alguém desenha um mapa é porque precisa de um esquema reduzido de um determinado local. Portanto, é preciso entender que irá sacrificar a fidelidade ao original em prol da utilidade do esquema. Perde-se precisão e detalhismo para ganhar concisão e praticidade.

De modo análogo, o que se deseja de um diário é que ele seja uma representação em menor escala das experiências de alguém. Portanto, a capacidade de selecionar o que é realmente relevante é essencial. Contudo, é algo que só se adquire com a prática.

Que o registro seja escrito com sinceridade e cuidado e, com a prática, veremos que se aproximará do ideal.<sup>44</sup>

– Crowley / Liber E vem Exercitiorum

Via de regra, é **relevante tudo aquilo que tirar a pessoa do eixo emocionalmente ou que alterar significativamente seu estado mental, emocional ou físico**: planos, expectativas, conquistas, sonhos, sincronicidades, intuições, segredos, dúvidas, preocupações, medos, inseguranças, atrações, repulsões, erros, acertos, inibições, angústias, chiliques, paixões, doenças, visões, contatos, divinações, projeções... dependendo do quanto afetaram, afetam ou afetarão quem os teve.

43 Eshelman, J. O Sistema Mágico e Místico da A.: A.: Los Angeles: The College of Thelema, 2010 (1ª tradução para o português). p. 103.

44 Crowley, A. Magick: Liber ABA, Book 4. 2nd rev. ed. San Francisco: Weiser Books, 2008. p. 604.

É preciso ter em mente que um registro seco, tal como o abaixo:

Dies Solis, ☉ in 28° ♍ : ☽ in 12° ♌ : ☉ : Viii, 7h20, Local: casa. Temperatura: 22 graus. Clima: chuvoso. RmP, Pranayama e Meditação em posição de lótus, usando o mantra Om Mani Padme Hum. Sensação de limpeza. Visualização: boa. Estado inicial: agitado. Estado final: calmo. Nota: 7

comunica bem menos do que outro do tipo:

20/11/2022, 7h20: não ouvi o despertador e acordei atrasada. Fiz o RmP no astral pq é mais rápido, seguido de um pranayama rápido, só pra constar. Sentei pra meditar na maior ansiedade, já intuindo que ia dar errado, porém me surpreendi e saí mais calma do que imaginava. Consegui 15 minutos e depois me arrumei correndo para o trabalho. No caminho, fiquei refletindo sobre a minha compulsão por doces, que foi o que me veio à cabeça ao meditar. Será que foi meu corpo sofrendo com a hipoglicemia, já que não consegui nem tomar café?

A princípio, o segundo relato pode ser preferível – embora não melhor, pois relatos de diferentes pessoas não são comparáveis – por fornecer mais informações sobre o estado físico, mental e emocional da pessoa do que o primeiro, sem falar que é mais interessante de ler, por conter uma narrativa ao invés de dados isolados e sem encaideamento. Porém, o primeiro não pode ser considerado errado, já que é a própria pessoa que vai fazer uso desses registros e vale o que estiver bom para ela, desde que consiga entender mais tarde o que registrou e fazer uso do que escreveu. Portanto, não há um modelo ideal, uma fórmula única e nem mesmo certo ou errado quando se fala em diários, mas apenas o que se adequa melhor ao estilo de cada um.

A possível diferença de qualidade entre um estilo e outro se funda mais na questão de como analisar posteriormente o que está escrito ali. Por exemplo: o que significa “agitado” ou “nota 7” para quem lê? Já o fato de a pessoa do segundo relato estar com um alto nível de ansiedade é algo que se pode inferir facilmente a partir do texto, além do fato de que há uma narrativa sequencial dos acontecimentos para facilitar o entendimento de toda a situação.

Na prática, o que costuma acontecer no início da escrita do diário é um processo de tentativa e erro, por meio do qual a pessoa que está em treinamento mágico vai testando vários formatos e estilos até encontrar aquele que mais combina com ela. Se funcionar para o que se propõe, não há o que se questionar a respeito de forma nem conteúdo. Além do mais, aprender a conviver com o erro é parte do processo de aprendizado de quem trilha um caminho mágico como o da A.: A.:.

## Editar ou Não Editar, Eis a Questão

Em primeiro lugar, é proveitoso que o ato de registrar envolva um certo esforço, no sentido de encontrar as palavras e o modo de contar a história que realmente refletiram o que foi vivenciado, com atenção ao que está sendo escrito, pois assim a pessoa pode começar a tirar o máximo do próprio diário.

Porém, um importante cuidado é o de tentar não se editar, pois ao querer ter um diário “exemplar”, ou por receio de que outras pessoas possam ler o que está escrito ali, a pessoa corre o risco de perder espontaneidade.

Se o diário é um espelho do magista, ele precisa refleti-lo como realmente é, ao invés de ser uma espécie de “melhor versão de si mesmo”. Portanto, a honestidade é uma das características-chave para um bom diário.

Cada diário é único, como aquele que o escreve. É uma ferramenta mágica fabricada dia a dia por seu utilizador e se tem uma palavra que não combina com ele é ‘definitivo’.<sup>45</sup>

– Frater zG / A Evolução do Processo de Escrita no Diário

Se a pessoa achar que se enganou ao fazer um registro ou, depois de escrever, notou que não era exatamente aquilo que pensava, é melhor dizer isso do que apagar o que já foi escrito. Por exemplo, ela pode escrever algo como “só agora, ao colocar em palavras, me dei conta de que não é bem isso que penso” ou “se há uma parte minha que pensa assim, não concordo com ela” ou “sei que disse isso, mas na verdade, o que queria dizer é...” e assim, de várias formas, alterar, complementar ou até invalidar o que havia afirmado antes, mas sem apagar.

É plenamente possível escrever no diário, após uma afirmação qualquer, expressões como “por outro lado...” ou “contrariamente ao que acabei de afirmar...”. Isso vai ficando cada vez mais comum à medida em que vamos nos dando conta do que estamos dizendo em paralelo ao próprio ato de escrevermos. A esse trabalho se dá o nome de “elaboração” e se contradizer, se arrepender, mudar de ideia... tudo isso faz parte do processo, até porque seria um erro não aceitar o erro como parte da aprendizagem.

Além de ser útil para trabalhar habilidades como “abertura” e “flexibilidade”, o fato de a pessoa poder visualizar o percurso que fez ao mudar de opinião, ou ao aprofundar o que pensava sobre determinada questão, pode ser algo muito útil para o autoestudo, tanto para avaliar o processo mental subjacente quanto para indicar caminhos no seu processo de autoconhecimento. Por isso, é preciso ter o cuidado de

---

45 Frater zG - A Evolução do Processo de Escrita no Diário. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-do-processo-de-escrita-no-diario-bbb8931d9a6a>. Acessado em 27/12/2024.



manter no diário certas coisas que foram pensadas, feitas ou ditas no passado, mesmo que a pessoa não se orgulhe delas e que esse “passado” esteja somente há alguns minutos de distância.

Resumindo: o medo e a vergonha de se ver como realmente é precisam ser enfrentados com determinação por quem está investigando a si mesmo, pois os nossos erros, fragilidades e defeitos são uma preciosa fonte de informação sobre aquilo que rejeitamos em nós e que não vai sumir só porque nos recusamos a enxergar. Ao contrário, é só a partir do reconhecimento que podemos aceitar ou mudar esses aspectos e assim nos alinharmos cada vez mais à nossa Vontade.

## Há de Ser Tudo da Lei

*Deve haver algum lugar onde a honestidade prevaleça ao máximo. O Diário Mágico é este lugar. Embora a maioria dos iniciantes não saiba como funciona, o diário reflete um discurso que está sendo estabelecido entre o mundano, o seu espírito e o seu Sagrado Anjo Guardião. Só com o tempo você entenderá como funciona.*<sup>46</sup>

– Frater Achad Osher / An Open Epistle on the Magickal Diary

Espontaneidade pode até ser algo fácil de explicar, mas difícil de atingir, na medida em que, desde crianças, vamos sendo condicionados a seguir padrões de conduta predeterminados. Ela tem a ver com naturalidade e autenticidade e isso requer **autoaceitação**, ou seja, poder se encarar de frente, sem máscaras e sem julgamentos.

Escrever um diário de modo honesto demanda a capacidade de acessar uma camada de nós mesmos diferente da que usamos para agradar as pessoas, ou para cumprir as normas sociais, e de ficarmos confortáveis nela.

Nesse sentido, a espontaneidade está intimamente relacionada à liberdade de expressão, sendo um dos motivos pelos quais **não se deve escrever por obrigação, nem deixar de escrever por censura**, ainda que tais imposições venham de nós mesmos, seja por nos sentirmos obrigados a entregar nossos registros a alguém, seja por acharmos que um conteúdo é inapropriado – um termo que precisa ser abolido de uma vez por todas por quem se propõe a escrever um diário.

Absolutamente tudo cabe no diário. Tudo é apropriado, até mesmo não escrever. Então, é preciso inclusive **aceitar o silêncio como parte do processo**<sup>47</sup>, pois o período entre os dias de escrita pode nos revelar algo sobre nós mesmos: podem ter sido de muita atividade ou de recolhimento; pode-se ter tanto a dizer que não se sabe como; pode ter ocorrido algo tão impactante que talvez seja necessário um período

<sup>46</sup> Frater Achad Osher. An Open Epistle on the Magickal Diary. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-the-magickal-diary/>. Acessado em 11/01/2024.

<sup>47</sup> Rainer, T. The New Diary: how to use a journal for self-guidance. New York: Tarcher, 1979.

de maturação até que possa ser expresso. Quanto a isso, não é necessário desassossego. Há sempre a opção de nos remetermos a esses acontecimentos depois.

Em termos formais, o primeiro nível da espontaneidade implica simplesmente em escrever da forma mais livre que se conseguir. A partir daí, ele pode ser expandido ao ponto de a pessoa não se deixar limitar pelo que quer que seja, incluindo até as normas gramaticais. Se, por um lado, isso pode deixar o diário ininteligível; por outro lado, sabe-se lá que tesouros inconscientes um processo de escrita totalmente espontânea pode desvelar.

No limite, ninguém precisa entender um diário a não ser o próprio autor, ainda que a inteligibilidade do texto seja importante para quem irá lê-lo, caso esteja em um processo de instrução, e que ele mesmo precise se entender quando for fazer uma análise posterior.

A esse respeito, inclusive, vale refletir sobre o quanto sua espontaneidade é afetada pelo fato de estar escrevendo para outra pessoa. Cabe nos perguntarmos, por exemplo: se a pessoa estiver num estado de confusão mental, é melhor que o registro expresse essa confusão, embora seja de difícil compreensão, ou que seja cuidadosamente redigido para que alguém o compreenda sem dificuldade, embora não reflita o estado do autor naquele momento?

Então, entenda que o mais importante é a sua sinceridade em colocar nele seus sentimentos, percepções e análises. Nele não deverá se preocupar com o politicamente correto, com o pensamento que não deveria ter tido ou com o que poderão achar do ato que não deveria ter praticado, tudo que foi, foi por um motivo e lhe cabe registrar e analisar para que possa cumprir seu juramento.<sup>48</sup>

– Frater zG / A Evolução do Processo de Escrita no Diário

## Analógico ou Digital: em Busca do Formato Ideal

*Algumas pessoas estão curiosas sobre qual estrutura é necessária para o Diário Mágico, mas não há uma resposta fácil para esta pergunta. Podemos dizer a um botânico para usar o mesmo formato de um neurocirurgião na rotulagem de flores e plantas? Claro que não. Nunca haverá dois registros iguais porque não há duas necessidades iguais. Você deve determinar o que é necessário para si mesmo.*<sup>49</sup>

– Frater Achad Osher / An Open Epistle on the Magickal Diary

Analógico ou digital, ambos têm vantagens e desvantagens. E nada impede a pessoa de usar os dois ou até algo diferente.

48 Frater zG - A evolução do processo de escrita no Diário. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-do-processo-de-escrita-no-diario-bbb8931d9a6a>. Acessado em 27/12/2024.

49 Frater Achad Osher. An Open Epistle on the Magickal Diary. Disponível em <https://www>.

Serão listados aqui apenas alguns prós e contras de cada um, mas o ideal é a pessoa testar e descobrir o que melhor funciona para o seu caso em particular. Aliás, cabe lembrar que, como tudo o que ela pensar, fizer e disser, a partir do momento em que começar a escrever seu diário: suas escolhas apontam para quem ela é.

Quanto ao diário analógico, trata-se de um objeto tangível, que pode assumir várias formas e pode até ser inteiramente produzido pela própria pessoa. Pode ter capas dos mais variados tipos, ser costurado a mão, ter as mais diferentes fechaduras (ou nenhuma). Ele vai ter a caligrafia do dono e pode ser desenhado, colado, post-itado etc. O diário físico pode virar quase um ser com vida própria e refletir a singularidade da pessoa até na aparência. Porém, recuperar trechos específicos pode se tornar um pesadelo. Além disso, se toda a vida do magista estiver em cadernos, transportá-los e guardá-los pode ser uma inconveniência, especialmente se precisarem ficar longe dos olhares alheios.

Já o diário digital nunca terá o mesmo charme. No entanto, sua praticidade é incontestável. Ele pode ser armazenado na nuvem e ser acessado de vários dispositivos diferentes. Pode ter senha, o que resolve a questão da privacidade. É bem mais fácil de pesquisar, permitindo organizar os registros por assuntos e datas, reunindo tudo num só lugar. Seu conteúdo pode ser hiperlinkado e imagens encontradas na web podem ser facilmente acopladas. É bem mais portátil. Porém, depende de eletricidade e a tecnologia com a qual foi produzido pode ficar obsoleta com o passar do tempo, além de poder ser deletado por descuido.

Se a pessoa gosta de desenhar, por exemplo, precisa levar isso em consideração ao escolher o formato de diário. Tem gente que faz seu diário em folhas soltas jogadas numa caixa e tem quem faça até em planilha de Excel.

Resumindo: não há um formato melhor, cabendo a cada um encontrar o mais adequado para as suas necessidades e, inclusive, mudar de formato se e quando as circunstâncias exigirem.

## **Diário Único × Diários Temáticos**

Novamente, na divisão por tema, assim como no formato, vale o que funcionar para cada um. No entanto, ao se optar por dividir seu diário por temas, é preciso achar um jeito de facilitar a releitura e a **possibilidade de estabelecer relações entre os escritos dos diferentes diários**.

Por exemplo, às vezes a pessoa faz uma invocação com um determinado intento e o resultado não sai exatamente da forma como imaginou. Então, ela registra como falha, ignorando outros **resultados inesperados e transversais**, que podem ter sido

decorrentes da operação, simplesmente porque estão anotados em lugares diferentes, o que dificulta a correlação.

Isso lembra um famoso teste de “atenção seletiva”, em que o experimentador pede que a pessoa foque a atenção em algo bem específico em uma determinada cena. Ao ficar procurando somente o que foi pedido, a pessoa fica tão focada no objetivo que não vê um ator vestido de gorila passando no meio do palco. O teste mostra como o hiper foco nos deixa cegos ao que está ao nosso redor.

Ou seja, ao mesmo tempo em que é preciso definir um objetivo para cada prática mágica, também é preciso prestar atenção nas **transversalidades**. Para isso, é preciso observar tudo o que possa ter associação com as energias invocadas, sejam sonhos, insights, sincronicidades etc. Só que, se você separa suas anotações em lugares diferentes, a fim de agrupá-las por assunto, pode ficar bem mais difícil enxergar essas relações.

Novamente, não se trata de advogar aqui que um sistema de registros é melhor do que o outro. O importante é saber as deficiências de cada modelo de diário e de cada sistema de registros para poder lidar com elas.

## Enfrentando Choronzon – O Demônio da Dispersão

*Alcançar a transcendência não é uma questão de criar uma ponte sobre um abismo, ou de saltar sobre ele, ou qualquer coisa desse tipo. Pelo contrário, trata-se de despertar o ser transcendente que já existe em você do seu estado de identificação consigo mesmo, fazendo-o perceber e agir a partir do seu estado natural<sup>50</sup>.*

– Benjamin Rowe / The Illusion of the Abyss

Por vezes, a tarefa de organizar o emaranhado de coisas que está dentro da nossa cabeça parece uma tarefa hercúlia. Diante desse desafio, nossa mente pode ficar tão em branco quanto a folha na qual temos que escrever. Assim, adiamos a necessidade de registrar e sofremos duplamente com isso: pela autocobrança e, mais tarde, pelo que ficou sem registro. Porém, não parece haver outra solução senão começar. E talvez repartir a tarefa em partes menores possa ajudar nesse processo.

De início, um bom treino é a pessoa aprender a tomar **notas mentais** dos experimentos e acontecimentos antes de anotar no diário, a fim de desenvolver a capacidade de observação. Aliás, essa é uma técnica muito útil quando se trata de anotar sonhos, a fim de que a mudança de posição nos faça esquecê-los: ao acordar, ainda imóvel e sem abrir os olhos, repassar o sonho na mente antes de partir para a anotação.

As notas mentais servem para aprender a identificar o que é relevante nas próprias experiências e a treinar tanto o olhar quanto a memória, ajudando a fixar as partes

---

50 Rowe, B. The Illusion of the Abyss. Disponível em <https://hermetic.com/norton/abyss2>. Acessado em 2/2/2024.

fundamentais do que foi vivenciado. Elas ensinam a pessoa a observar a si mesma, as outras pessoas e o mundo ao redor. A ideia é **aguzar a sensibilidade e ampliar a consciência**.

Além disso, há várias situações em que não será possível tomar notas físicas – durante um ritual, por exemplo – e em que a pessoa só poderá contar com a memória. E a nossa memória pode e deve ser desenvolvida com o objetivo de **captar o que é relevante naquilo que vivenciamos**. Quanto a isso, cabe lembrar o que já falamos sobre a importância da observação:

É preciso dividir-se em dois: o observador e o observado. Isso exige, em primeiro lugar, um grau de controle sobre a atenção que é, para começar, extremamente difícil. Não só é difícil de estabelecer, mas é impossível manter por mais do que um período muito curto. O que se tem que fazer é um movimento interior, criando uma espécie de testemunha silenciosa fora de si, que tem consciência do que está acontecendo. Isso é difícil porque não estamos acostumados, porque isso demanda uma energia incomum para dividir a atenção e porque não somos ensinados a fazê-lo desde cedo.<sup>51</sup>

– Ripman / Questions and Answers Along the Way

Sendo possível anotar, uma dica é fazer **anotações curtas** das práticas assim que acontecerem, tentando resumir o essencial e evitando o excesso de detalhes. Assim se garante o registro do que é mais importante. Uma caderneta de bolso ou o bloco de notas do celular podem ser usados para fazer essas anotações sempre que não for possível escrever direto no diário.

As anotações curtas também servem para ajudar a lembrar da experiência completa depois, sempre que não se puder anotar todos os detalhes na hora. Já a preocupação de **anotar só o que for essencial** pode ajudar a pessoa a, com o tempo, entender o que é realmente relevante, inclusive aceitando certas limitações da escrita, tais como o fato de que **você nunca vai conseguir registrar tudo e nem ser totalmente fiel ao que vivenciou**.

Outra boa tática é escrever todo dia. Se não tiver tempo, resuma a prática que acabou de fazer em uma só palavra ou frase. Se, ao final do dia, não tiver se lembrado de nenhum sonho, feito nenhuma prática, tido nenhum insight, enfim... se achar que não ocorreu nada digno de nota, faça ao menos um registro curto dizendo “Meu dia hoje foi tedioso. Nada de importante aconteceu”, “Resumo do dia: estranhamente calmo” ou algo nessa linha. Tenha em mente que menos é mais e que, **até criar o hábito, a regularidade é mais importante do que o conteúdo**.

---

51 Ripman, H. Questions and Answers Along the Way. Washington, D.C.: Forthway Center Press, 2009. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjieff-fourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024. p. 12.

Por outro lado, à medida que escrever for se tornando um hábito, tente fazer isso com consciência, escolhendo bem as palavras e se dando conta do que está saindo. Um fenômeno bem comum na escrita de diários é a pessoa se surpreender com o que ela mesma escreveu. Se isso acontecer, é um sinal de que você está em um bom caminho.

Tente não ser uma pessoa excessivamente rígida ou crítica consigo mesma. Simplesmente aceite o que vier, lembrando-se de que o objetivo é se conhecer, pois é a partir daí que pode vir alguma transformação.

Por fim, deixe seus registros descansarem por um tempo e depois volte a eles como se você fosse um ser de outro plano – fora da sociedade e livre de suas considerações morais, crenças, preconceitos etc. –, apenas tentando compreender a natureza humana. **Faça perguntas sobre o que lê** e levante questões que te ajudem a refletir a respeito.

Caso seus registros não te permitam extrair nada de relevante, tente se questionar sobre o que está faltando e isso irá te ajudar nos próximos registros, pois cada vez mais você irá fazê-los com a cabeça não só de quem escreve, mas de quem terá que analisar depois. E isso te ajudará a fazer um diário ainda melhor.

## Brincando com o Diário Mágico

*Escrevo. Escrevo que escrevo. Mentalmente, vejo-me a escrever que escrevo e também posso ver-me a escrever que escrevo. Recordo-me já escrevendo e, também, vendo-me que escrevia. E vejo-me recordando que me vejo a escrever e recordo-me vendo-me recordar que escrevia e escrevo vendo-me escrever que recordo ter-me visto escrever que me via a escrever, que recordava ter-me visto a escrever que escrevia, que escrevo que escrevia. Também posso imaginar-me escrevendo que já tinha escrito que me imaginaria escrevendo que tinha escrito que me imaginava escrevendo que me vejo a escrever que escrevo.*<sup>52</sup>

– Mário Vargas Llosa / Tia Júlia e o Escrevinhador

Se há algo que justifica a escrita deste artigo é o fato de que a prática do diário mágico não deve ser uma imposição, mas uma escolha e que, com o passar do tempo, se torne uma necessidade. Para isso, é preciso ao menos que a pessoa que o escreve entenda sua importância para o processo mágico, que esperamos elucidar aqui, e que essa necessidade se imponha a partir do uso e não de fora.

Para tanto, é fundamental não só que o diário realmente auxilie o magista em seu trabalho, mas que isso possa se dar de modo minimamente agradável. Em outras palavras, não é porque o processo de escrita seja difícil (para algumas pessoas) que ele precisa ser penoso.

---

52 Vargas Llosa, M. Tia Júlia e o Escrevinhador. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

Assim, a lista abaixo traz alguns exemplos de exercícios de escrita no diário mágico que, para além do registro das operações mágicas, talvez possam ajudar o aspirante, em especial o Probacionista, a ganhar mais intimidade com seu diário e a aprender a usá-lo com diferentes propósitos, quem sabe até conseguindo se divertir no processo:

- Elaborar algo que gostaria de comunicar a alguém, mas não sabe como;
- Fazer uma lista de prós e contras antes de tomar uma atitude;
- Ensaiar possíveis cenários antes de enfrentar uma situação difícil;
- Analisar a própria reação a um determinado acontecimento;
- Questionar as crenças e preconceitos que há por trás de suas próprias declarações;
- Interpretar seus sonhos, que são a principal via de acesso ao inconsciente;
- Planejar um intento e traçar o caminho para alcançá-lo;
- Fazer uso da escrita automática como recurso para acessar outros planos;
- Transformar um insight em algo inteligível para outra pessoa;
- Desenhar ou esquematizar aquilo que não consegue expressar por meio de palavras; e
- Um mundo de outras possibilidades...

Sugerimos que cada um aplique sua criatividade ao próprio diário, inventando novas formas de utilização que tornem o seu uso mais interessante e divertido, além de imprimir nele sua marca pessoal e seu estilo singular de praticar magia, fazendo dessa prática algo tanto útil quanto prazeroso, pois isso também é magia.

## Análise do Diário Mágico

*Eu descí, ó minha querida, às águas negras e brilhantes, e eu te arranquei como uma pérola negra de infinita preciosidade.*

– Liber LXV, Cap. III, v. 60

O ideal é que a releitura do diário mágico seja feita algum tempo depois do registro. Não há regra, mas duas a quatro semanas costuma ser um bom prazo. Fazê-la em terceira pessoa (ou seja, falar de si como se fosse de outra pessoa) ajuda a ter um distanciamento maior entre o magista e seus registros.



Uma técnica muito útil e simples é fazer perguntas, questionando o que está escrito. Por exemplo, ao reler uma entrada de diário que narra a sua raiva frente à mentira de um amigo, alguém poderia fazer os seguintes questionamentos (repare que, embora a pergunta seja feita a si mesmo, está em terceira pessoa):

“Quando você diz que sentiu vontade de bater em fulano ao saber da mentira, por que acha que teve essa reação e não outra, tipo ficar triste ou parar para refletir sobre o motivo? O que mais te enfureceu, a mentira em si ou o fato de ter sido ele?”

Ou seja, ao invés de se criticar ou de tentar justificar as próprias ações/sentimentos, talvez se questionar simplesmente, sem a pretensão nem a obrigação de ter que saber as respostas, seja mais produtivo no final das contas.

Vale lembrar que o esforço de transformar pensamentos, sentimentos e percepções em palavras muitas vezes já serve para esclarecer certas questões que, a princípio, podiam parecer obscuras. Exercícios incrivelmente banais, como listas de prós e contras, por exemplo, podem se revelar bastante úteis para tomar uma decisão. Além disso, talvez o exame de si mesmo tenha mais a ver com a capacidade de se ouvir do que com qualquer outra coisa.

Entretanto, afastar-se do texto por um tempo geralmente confere ao autor uma certa vantagem, no sentido de poder interpretá-lo com novos olhos, principalmente se isso for feito como se estivesse testemunhando as experiências de outro indivíduo, a quem irá propor questões a respeito das situações por ele narradas.

Com o tempo, a análise reiterada dos próprios diários costuma fazer com que certos padrões comecem a emergir do texto, ficando mais claros para quem os lê. Por exemplo, o fato de a pessoa perceber que sempre reage da mesma forma diante de uma determinada situação ou pessoa, é fundamental para poder desconstruir tais padrões e atuar de modo mais consciente sobre eles.

Assim, ao voltar aos registros, prestando especial atenção às repetições de situações, verificando se existe um tipo de pessoa com o qual costumamos sentir mais afinidade ou antagonismo, por exemplo, nos ajuda a identificar certas projeções e a lançar luz sobre determinados aspectos da nossa personalidade dos quais podemos não estar totalmente conscientes ou até mesmo que rejeitamos por completo.

De modo análogo, verificar quais problemas costumam surgir com maior frequência nos nossos relacionamentos interpessoais pode nos ajudar não só a investigar suas causas como a perceber e atuar no momento em eles aparecerem, saindo de um ciclo de repetição inconsciente.

Novamente, cabe reforçar o papel da análise em terceira pessoa, a fim de conseguir um certo distanciamento de si, e o uso da técnica de perguntas, assumindo uma postura de suspensão da autocrítica para conseguir refletir sobre o que lê sem se julgar

– até porque toda eventual conclusão será necessariamente temporária, já que somos seres em mutação.

Finalmente, é importante lembrar que, por mais que a escrita e a análise do diário sejam práticas mágicas em si, com uma gama de possibilidades a serem exploradas, é também imenso o valor dos registros para consulta futura, como testemunho de toda uma etapa de seu percurso mágico, a fim de identificar padrões, comparar experimentos ou simplesmente para garantir uma fidedignidade ao que foi vivenciado que a memória não é capaz de conferir.

Assim, esses registros serão muito úteis quando o magista tiver atingido graus bem distantes do que se encontra e precise rever o que ficou para trás, seja para “resolver” o que quer que tenha ficado apenas parcialmente concluído, seja para identificar e recuperar técnicas que possam ajudá-lo nas tarefas atuais e futuras.

No Volume 1, nº 6, do Black Pearl<sup>53</sup>, há um extrato dos registros mágicos de Frater Proserpino, no qual é mencionado que, como parte de sua preparação para a operação de Abramelin, ele se comprometeu a reelaborar as principais tarefas de cada grau que já havia concluído, de Neófito até Philosophus, parcialmente como uma revisão, parcialmente para identificar as habilidades e ferramentas que melhor lhe serviriam na tarefa que tinha pela frente, tendo levado cerca de três meses nesse processo. E esse é apenas um dos muitos relatos de Adeptos que se valeram dos de seus diários em momentos-chave, a fim de avançar em seu caminho mágico.

## Conhecimento & Conversação

*A cada momento, cada Estudante é iluminado pelas três grandes luzes da A.: A.: seu Superior, que lhe é designado; seu Diário que é escrito por ele; e seu Anjo, que se manifesta através dele. E cada uma dessas três formas é, na verdade, projeção do mesmo holograma. Seu Superior é, portanto, o equilíbrio entre dois extremos: seu Diário, que representa sua forma inferior, e seu Anjo, que representa a superior. Diário, Superior e Anjo: essa é a Santíssima Trindade de toda a nossa Ordem e tudo o que um Aspirante precisa é apenas seguir essas luzes brilhantes. Pode-se dizer que o Superior é a resultante visível de duas forças: seu Diário e seu Anjo. Mais tarde, à medida que o Aspirante alcançar a Consecução Última, ele perceberá que tudo o que foi escrito em seu Diário, e tudo o que o Anjo manifestará através do Conhecimento e da Conversação, está perfeitamente representado pela impressão que o Superior está realizando em sua alma.*<sup>54</sup>

– Frater 273

O diário é um instrumento dos mais poderosos, mas o é apenas em potencial, já que acessar seu poder e fazer dele a mais importante das ferramentas mágicas é algo que

53 BLACK PEARL Vol. I. Nº 6. September. 1999 E.V. Los Angeles: College of Thelema: 1999.

54 Frater 273. Superior. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/07/superior/>. Acessado em 11/01/2024.

depende de cada magista, pois o caminho para o conhecimento de si mesmo é algo que só a própria pessoa pode descobrir e algo que ninguém mais pode fazer por ela.

(...) Ele precisa confiar inteiramente em si mesmo, e não dar crédito a nada a não ser aquilo que está em seu próprio conhecimento e experiência. No início, assim como no final, insistimos sobre a vital importância do registro escrito como a única possibilidade de controle de erros derivados das várias qualidades do experimentador.<sup>55</sup>

– Crowley / Liber E vel Exercitiorum

É importante lembrar que magia exige prática e que o que se pode ensinar por meio de livros, palestras, ou até mesmo em cursos práticos, é no máximo o método. A consecução mágica é individual, necessita de treino, paciência e uma boa dose de entusiasmo: invocar frequentemente e inflamar-se em oração.

Por um lado, é como tocar um instrumento musical ou cozinhar: o sucesso depende do investimento que a pessoa está disposta a fazer em termos de dedicação e de abertura à experiência. Por outro, é preciso considerar o fato de que os fenômenos mágicos/místicos são de uma ordem superracional e que, assim sendo, exigem abordagens condizentes com sua natureza.

O conhecimento místico não procede da inteligência, mas da Experiência; não foi inventado, mas comprovado; não lido, mas recebido... não entra na Alma por ouvidos, nem pela leitura contínua de livros, mas pela infusão abundante do Espírito Santo.

– Miguel de Molinos / O Guia Espiritual

Use seu diário para explorar a Natureza e os Poderes do seu próprio Ser, contemplar essa natureza, encontrar sua Vontade e estender ao máximo o domínio de sua consciência e seu controle sobre todas as forças alheias a ela.

**Só quem tem o poder de tornar mágico o seu diário é você mesmo.** Encare-o como um ser vivo: dialogue com ele, faça perguntas, intua a resposta, e faça isso todos os dias, nem que seja para escrever uma só palavra sobre como foi o seu dia. Trate-o com, no mínimo, o mesmo respeito e reverência que tem pelo seu mote, já que é ele, à medida que vocês forem estabelecendo uma conexão e uma intimidade, que vai te mostrar como pode ser melhor aproveitado. Lembre-se de que a primeira mais importante consecução na A.: A.: envolve algo chamado Conversação.

Possa a A.: A.: coroar sua Obra! Sim, possa a A.: A.: coroar sua Obra.

---

55 Crowley, A. *Magick: Liber ABA, Book 4*. 2nd rev. ed. San Francisco: Wiser Books, 2008. p. 612.

## Referências

BLACK PEARL Vol. I. N° 6. September. 1999 E.V. Los Angeles: College of Thelema: 1999.

CATANI, D. B. et al. (orgs.). Docência, Memória e Gênero: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 2000.

Crowley. A. Liber 333 - The Book of Lies. Disponível em <https://keepsilence.org/the-equinox/?filter=333>. Acessado em 30/12/2024.

-----, Liber Collegii Sancti sub figura CLXXXV (185). Disponível em <https://www.hadnu.org/publicacoes/liber-collegii-sancti/>. Acessado em 10/12/2023.

-----, Magick: Liber ABA, Book 4. 2nd rev. ed. San Francisco: Wiser Books, 2008.

-----, On Thelema. Disponível em <https://hermetic.com/eidolons/on-thelema>. Acessado em 12/01/2024.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2023, <https://dicionario.priberam.org/di%C3%A1rio>

Eshelman, J. O Sistema Mágico e Místico da A.: A.:. Los Angeles: The College of Thelema, 2010 (1ª tradução para o português).

Frater 273. Another Letter to The Probationer. Disponível em <https://frater273.com/2018/10/13/another-letter-to-the-probationer/>. Acessado em 01/01/2024.

-----, Hide and Seek. Disponível em <https://frater273.com/2018/11/01/hide-and-seek/>. Acessado em 01/01/2024.

-----, Superior. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/07/superior/>. Acessado em 11/01/2024.

-----, The Magical Diary. Disponível em <https://frater273.com/2018/12/15/the-magical-diary/>. Acessado em 20/08/2023.

Frater Achad Osher. An Open Epistle on the Magickal Diary. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-the-magickal-diary/>. Acessado em 11/01/2024.

Frater F418. Quase Tudo o Que Sei Sobre o Neófito. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/quase-tudo-que-sei-sobre-o-ne%C3%B3fito-5610968c7c78>. Acessado em 12/01/2024.

Frater zG - A evolução do processo de escrita no Diário. Disponível em <https://medium.com/imprimatur/a-evolu%C3%A7%C3%A3o-do-processo-de-escrita-no-diario-bbb8931d9a6a>. Acessado em 27/12/2024.

Gurdjieff, G. I. *Em Busca do Ser*. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Pensamento, 2017.

Jung, C. G. *Aion*. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

Litvak, S. e Senzee, W. *More Ways to Use Your Head*. New Jersey: Prentice-Hall, 1985. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Ouspensky, P. D. *In Search of the Miraculous*. New York: Harcourt, 2001. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Rainer, T. *The New Diary: how to use a journal for self-guidance*. New York: Tarcher, 1979.

Reese, M. *Why you should keep a magical journal*. Disponível em <https://www.spiralnature.com/magick/keep-a-magical-journal/>. Acessado em 27/12/2024.

Regardie, I. *The Tree of Life: a study in magic*. San Francisco: Wiser Books, 1972.

Ripman, H. *Questions and Answers Along the Way*. Washington, D.C.: Forthway Center Press, 2009. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Rowe, B. *The Illusion of the Abyss*. Disponível em <https://hermetic.com/norton/abyss2>. Acessado em 2/2/2024.

Seckler, P (Soror Meral). *An Open Epistle on Projections & the Shadow*. Disponível em <https://www.corneliuspublications.com/an-open-epistle-on-projections-the-shadow/>. Acessado em 11/01/2024.

Sherwin, R. *O Livro dos Resultados*. Pinheiral: Caos, 2016. Versão em pdf disponível em <https://caotize.se/wp-content/uploads/O-Livro-dos-Resultados-Ray-Sherwin-Magia-do-Caos-Caotize-se.pdf>.

Thakar, V. *Totality in Essence*. Delhi: Motilal Banarsidass, 1986. In Gurdjieff and The Fourth Way: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Thelemic Union. *The Magical Record: Journaling the Practices of Magick*, 2020. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=qd5n8iXy\\_L4](https://www.youtube.com/watch?v=qd5n8iXy_L4). Acessado em 09/01/2023.

Thelemistas. *The Practice of the Magical Diary*. Disponível em <https://www.thelemistas.org/en/MSS/Bjorge/SpiritualExercises/05-diary>. Acessado em 10/12/2023.

Tolle, E. *The Power of Now*. Vancouver: Namaste Publications, 1997. In Gurdjieff and *The Fourth Way*: a critical appraisal. Disponível em <http://gurdjiefffourthway.org/pdf/SELF-OBSERVATION.pdf>. Acessado em 01/01/2024.

Vargas Llosa, M. *Tia Júlia e o Escrevinhador*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

Vogler, C. *A Jornada do Escritor: estruturas míticas para escritores*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Wasserman, J. *Aleister Crowley e a Prática do Diário Mágico*. São Paulo: Madras, 2009.